



Alameda Ribeiro da Silva, 491
 CEP 01217 - Telefones: (011) 223-9310 - 220-4661

U111 70H1



O Deserto Costa Leite, em Alegrete, no Rio Grande do Sul; crescimento acelerado

Desertos avançam sobre terras produtivas do País

LIANA JOHN
 Agência Estado

O Brasil está perdendo terreno sob dunas de areia. A exemplo do que ocorreu nas antigas pradarias do Texas e Novo México, nos Estados Unidos, graves processos de desertificação estão roubando terras produtivas. A origem geológica dos processos é diferente em cada região, mas o resultado é um só: erosão, assoreamento de cursos d'água e drástica redução da diversidade biológica.

No extremo Sul do País, a paisagem dominada por colinas verdejantes e onduladas a se perder de vista, que sempre foi o cartão postal do Rio Grande do Sul — o pampa — tem pelo menos 40 núcleos de desertificação. Somados,

eles totalizam cerca de 300 quilômetros quadrados de areia avermelhada e fina, em dunas de até oito metros de altura, avançando sobre as pastagens e culturas de soja e trigo.

Na transição da caatinga para os cerrados do Meio-Norte brasileiro, no interior do Piauí, desmatamentos e queimadas ampliam o deserto de Gilbues, uma mancha de areia e pedras assentada sobre uma área de solo muito frágil e pobre, naturalmente suscetível à desertificação. Gilbues já tem 1.240 quilômetros quadrados quase desprovidos de vida animal ou vegetal e a mancha desertificada vem crescendo para Oeste, na direção das nascentes do Rio Paranaíba, um dos mais importantes rios perenes do semi-árido, com seus 1.485 quilômetros de extensão.

Núcleos menores de desertificação aparecem também em outros pontos da região Nordeste, onde as manchas de solo mais frágil se tornam área de alto risco, dado o clima semi-árido, com uma média de 500mm de chuvas muito irregulares e mal distribuídas ao longo do ano.

Nem todos esses pequenos núcleos são de areias, mas a maioria pode ter o processo de desertificação agravado pela ocupação indevida do solo e sobrecarga de animais domésticos. É o caso do município de Curaca, no Norte da Bahia. Constituído de argilas muito finas, o solo de Curaca cedeu ao excesso de pastejo das criações de caprinos e hoje sustenta uma vegetação mirrada e esparsa, incapaz de conter a erosão brutal na superfície da terra nua.

Máquinas e fogo aceleram o processo

Em todo o País, Alegrete, a 504 quilômetros de Porto Alegre, no coração do Pampa gaúcho, é onde os desertos se multiplicam com maior rapidez. "Há poucos anos o da fazenda São João, com 186 hectares, era o maior. Hoje ele foi desbancado pelo Costa Leite, onde as dunas se derramam pelas pastagens, tragando uma área de 210 hectares", alarma-se o agrônomo João José Souto, 44 anos, 20 dos quais dedicados ao combate à pressão dos areais sobre as coxilhas.

A desertificação no Rio Grande do Sul — a mais parecida com o ocorrido no novo México, EUA — resulta de uma degeneração do solo naturalmente frágil, com pouco mais de dez centímetros de espessura, originário de rocha arenosa e coberto por uma leve camada de gramíneas nativas. "Quando trilhado por homens e máquinas, esse manto se desfaz e a areia que está por baixo fica exposta", lembra Souto. Foi o que aconteceu em Alegrete a partir dos anos 70, quando a pecuária cedeu lugar à monocultura da soja.

A prática de revolver anual-

mente a terra e promover queimadas após a colheita, conjugada com a utilização exagerada de agrotóxicos — que aniquilam a microvida necessária à fertilidade biológica do solo — abriu caminho à desertificação. "Há 14 anos isso aí nem existia", testemunha a minifundiária Martiniana Pereira, 65 anos, cujo sítio fica a 200 metros do Costa Leite. "O deserto caminha vários metros por ano e agora tenho medo que tome conta da minha casa", diz. Sem a proteção das gramíneas nativas, sem capacidade de suportar culturas, lavada pela chuva e batida pelos ventos, a terra se esfarelou.

João Souto acrescenta que o índice pluviométrico de Alegrete — de 1.400 mm/ano — é bem superior às taxas verificadas nos verdadeiros desertos — abaixo de 200 mm/ano. Isso acaba agravando o processo: a chuva lava os nutrientes, levando-os às camadas inferiores do solo, inacessíveis às plantas. Ai se agrega à erosão dos ventos, direcionados e intensificados pelas colinas. Esses fatores levaram desertos como o de São João a engolir 170 hectares em 50 anos. Souto tentou conter as du-

nas durante 20 anos, mas só conseguiu reduzir o avanço em 50 metros.

"Quando a terra está doente assim, ela tem de ser tratada como um paciente numa UTI", recomenda o agrônomo. Ele experimentou o plantio de árvores nativas, mas o resultado não foi o esperado. "O que funciona mesmo é o eucalipto, o pinus e a acácia negra", informa. Num convênio da Secretaria de Agricultura do Estado e a Riocell, indústria de celulose, 200 mil mudas de eucalipto foram plantadas com uma tonelada de sementes de leguminosas, num investimento sem retorno de US\$ 61 mil (cerca de Cr\$ 19,5 milhões no câmbio comercial). Outra empresa, a Tanac, que trabalha com tanino, também está tentando conter as areias com árvores e plantou 40 mil mudas de acácia negra numa propriedade particular, sem esperanças de vencer as dunas. "Pelo menos sei que o deserto não irá tomar as terras mais próximas", diz o proprietário da fazenda, Eduardo Simch, a quem os areais obrigaram a trocar a rentabilidade da soja por algumas cabeças de gado e 80 emas.